

ARQUIVO CRIMINAL E O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO VUCETICH REPRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO POR IMPRESSÃO DIGITAL¹

Uthant Saturnino Silva²

RESUMO

Este artigo enforca alguns aspectos da teoria da classificação, priorizando o sistema de classificação Vucetich, que fundamenta o processo classificatório da ficha datiloscópica cuja função consiste em reunir, armazenar e disponibilizar informações sobre vestígios de impressões digitais coletados no local do crime ou à identificação, ou seja, ao ato de reconhecimento de um indivíduo. Inicialmente, buscou-se discutir os princípios filosóficos de classificação para em seguida analisar o uso e aplicação adotada pelo sistema Juan Vucetich, método datiloscópico que se baseia na representação da disposição das papilas dérmicas e dos elementos que compõem esse sistema de classificação, cuja aplicação e ordenação permite consulta rápida quando compara uma peça padrão arquivada no contexto dos arquivos criminais com um fragmento extraído de local de crime.

Palavras-chave: Teoria da Classificação. Sistema de Classificação. Datiloscopia. Documentos especiais. Arquivos criminais

1 INTRODUÇÃO

“Navegar é preciso, viver não é preciso”
(Fernando Pessoa)

Este artigo tem como escopo principal analisar alguns aspectos da teoria da classificação, especificamente a classificação Vucetich, priorizando inicialmente a compreensão teórica e filosófica da classificação e suas concepções. Assim sendo,

¹ Artigo apresentado ao curso de Graduação em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel, sob a orientação da Professora Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

² Mestrando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Graduado em Licenciatura em Ciências. Graduado em Licenciatura Plena em Biologia. Graduando em Arquivologia, todos pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: uthant-@hotmail.com

compreende-se que o processo classificatório é uma atividade imanente a racionalidade, nesse sentido Langridge (1977, p. 11), esclarece que “sem classificação não poderia haver nenhum pensamento humano, ação e organização que conhecemos. A classificação transforma impressões sensoriais isoladas e incoerentes em objetos reconhecíveis e padrões recorríveis”.

Entretanto, antes de avançar a discussão faz-se necessário conceituar o termo em tela, e o fazemos ancorados em Piedade (1977, p.9) ao afirmar que a classificação se efetiva por meio do processo de categorização, ação que se revela ao “dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos”.

Em face desse entendimento podemos inferir que todas as ações humanas são efetuadas por atos classificatórios. Isso desde nossas mais simples as mais complexas escolhas. Para Costa (1997/98, p. 66):

Encontramos inúmeros exemplos de classificações inscritas e actuantes nos mais variados domínios das relações sociais, tal como se nos apresentam no quotidiano. Basta pensar na maneira como as pessoas tratam umas as outras, ou se referem a terceiras, atribuindo estatutos de superioridade ou inferioridade social, considerando umas distintas e outras vulgares, umas sérias e outras desonestas, umas competentes e outras incapazes, umas merecedoras de mais respeito e outras de menos, e por aí afora.

Sob uma perspectiva histórica é na lógica aristotélica (LANGRIDGE, 1977) que são encontradas as primeiras contribuições para a formulação de uma teoria da classificação. Segundo Araújo (2006), a primeira contribuição do filósofo diz respeito à divisão dos objetos em gêneros e espécies, trata-se de uma hierarquização conceitual que divide um tema geral em espécies a partir da aplicação de uma característica classificatória. Dahlberg (1978) ressalta que a hierarquização dos termos no processo classificatório deve ser realizada sempre do geral para o particular.

Sousa (2006, p. 122) ao abordar a trajetória do conceito de classificação na arquivística afirma que:

Podemos considerar, grosso modo, dois grandes períodos na história das classificações de documentos arquivísticos. O primeiro, que percorre da Antiguidade até o século XIX, e outro do século XIX até nossos dias. O marco da passagem é, sem dúvida nenhuma, o

estabelecimento dos princípios de respeito aos fundos e da ordem original. Não são períodos estanques, isto é, práticas do primeiro período podem e são encontradas no segundo. A organização dos arquivos fundamentada no princípio de respeito aos fundos só foi consolidada em meados do século XX.

Pensamento que diverge de Silva et (1999), ao afirmar na arquivística a classificação começa a aparecer na literatura a partir do século XVII com o surgimento dos primeiros manuais com normas escritas. Afirmativa já defendida por Duranti (1995), ao dizer que os indícios dos processos de classificação na área podem ser encontrados, no último volume da obra intitulada *De Re Diplomática*, de Jean Mabillon, publicada em 1681. Tratava-se de um método sistemático de investigação para determinar os fatos e eventos nos quais os documentos se inseriam, e não noções sobre organização.

De todo modo, independente da corrente filosófica ou social que aborde teoricamente a classificação, um ponto há de convergência: a classificação consiste na separação metódica, hierarquizada e sistemática de grupos, unidos por semelhança. No contexto de classificação Pombo(1988,p.12) ressalva sobre a classificação documental e biblioteconômica que são propostas minuciosamente e sistematicamente elaborados, em geral acompanhadas de um código em que cada classe é designada por um símbolo, passam a ser elaboradas tendo em vista, ainda nos anos quarenta, facilitar a automatização das relações entre as diversas classes de documentos .No caso dos arquivos não poderia ser diferente. A classificação consiste em separar por categorias os documentos orgânicos, estes enquanto suporte da informação orgânica compreendida neste artigo sob a perspectiva conceitual de Sousa (2009), ao afirmar que a principal característica dessa informação é estar registrada em um determinado suporte e ser, sobretudo resultado das relações institucionais no cumprimento e efetivação de sua missão, ou seja, é uma informação adjetivada por sua organicidade, essência de sua inter-relação com o contexto de criação. Para o autor a acumulação desse tipo de informação faz surgir os arquivos no âmbito das organizações.

Na esteira desse entendimento, compreendendo que o emprego do processo classificatório é necessário para organização dos documentos arquivísticos e que destes resultam o surgimento dos arquivos institucionais, tratemos, pois de compreender os arquivos criminais e a classificação de Vucetich.

Com vistas a percorrer o caminho esta pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório, descritivo, de caráter transversal. Caracteriza-se como exploratória, uma vez que estas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito; descritiva, pois têm como objetivo primordial descrever as características de um determinado tema (GIL, 2008).

2 ARQUIVOS CRIMINAIS E A CLASSIFICAÇÃO DE VUCETICH

Os arquivos criminais contribuem para a resolução de vários crimes, graças ao trabalho dedicado dos profissionais datiloscopistas, papiloscopistas e peritos papiloscópicos de todo o país, em especial os da Paraíba, buscando através das representações de impressões papilares (impressões digitais, palmares e plantares) encontradas em locais de crime, que ficam arquivadas em fichas datiloscópicas ou até mesmo em suportes eletrônicos nos referidos arquivos criminais que tem uma atribuição específica, de auxiliar a justiça.

2.1 Arquivos criminais

Segundo Kehdy (1968, p. 63), estes arquivos, que recebem a denominação de Arquivos Criminais, pelo arquivamento de certificados do registro criminal, certificados do registro policial, ficha de datiloscopia, contraprova de manchas orgânicas (sangue, esperma, fezes, vômitos etc.) e inorgânicas (cera, lama, ferrugem, tinta, pólvora etc.) elementos grafotécnicos, balísticos, laudos, fotografias de locais de crime e outros dados de interesse, constituem-se elementos relevantes na produção de elementos arquivísticos para a área da identificação criminal.

Nestes arquivos, o principal suporte é ficha de impressão digital, cada impressão recebe uma denominação especial, as digitais referentes a polpa digital, as palmares referentes as palmas das mãos e por fim as plantares referentes as plantas dos pés. O documento a ser arquivado nasce a partir de impressões coletadas nos corpos enviados aos Institutos de Medicina legal para exames tanatológicos ou para identificação civil e criminal no setor de Identificação, que posteriormente vão servir de suportes para confrontos com impressões encontradas

em locais de crime pelo perito criminal, porém a representação do desenho digital ou dermatóglifo pode ser encontrada em qualquer suporte que receba as impressões digitais, permitindo auxiliar na determinação da autoria de um delito.

França (2015, p. 90) ao abordar o sistema de classificação Vucetich diferencia desenho digital de impressão digital afirmando que:

Chama-se desenho digital ao conjunto de cristas e sulcos das papas dos dedos, apresentando muitas variedades; e de impressão digital ao reverso do desenho, exibindo-se como um ajuntamento de linhas brancas e pretas de um determinado suporte.

2.1.1 Datiloscopia

A datiloscopia constitui um método para identificação criminal e civil, de pessoas vivas e mortas, identificadas ou não identificadas, reunindo os dados de qualificação, dados morfológicos - exame descritivo por meio do desenho digital. A dactiloscopia deriva de daktylos-dedo e skopein-examinar, foi criado na Argentina, por Juan Vucetich que o batizou de Icnofalangometria existindo hoje em todas as línguas, com a finalidade de estudar as impressões digitais (GOMES, 1969, p. 75).

A datiloscopia é dividida em civil, criminal e clínica, respectivamente a primeira trata-se da identificação de pessoas para expedição de documentos de identidade, que são os seguintes: carteira de identidade, cédula de identidade e passaporte, a datiloscopia criminal reveste-se de três aspectos, identificação do indiciado em inquérito policial, expedição de documentos de idoneidade³, aproveitamento das impressões papilares encontradas em locais de crime, e pôr fim a clínica que estuda as perturbações que se verificam nos desenhos digitais.

Segundo Kehdy (1968, p.14),” o estudo da datiloscopia nasceu em 1858 com William James, delegado do governo Inglês, na Índia, iniciou seus estudos sobre as impressões digitais, concluindo pela sua imutabilidade”. Por outro lado, o Dr: Henry Faulds, médico inglês que trabalhava no Hospital Tsukiji, em Tóquio, observou impressões digitais gravadas em peças de cerâmicas pré-histórica japonesa, iniciando deste modo seus estudos sobre as impressões digitais. Em 1884 Kimugássun Minakata, médico japonês, publicou na revista “Nature” de Londres, um

³ Documentos de idoneidade- Para Kehdy são: atestados de antecedentes criminais, atestado de antecedentes político-sociais, folha corrida e folha de antecedentes.

artigo afirmando que as impressões digitais, já eram conhecidas na China, desde o século VII; e que no século VIII passaram para o Japão e para Índia.

Em 1888 na Inglaterra Sir Francis Galton concluiu que as impressões digitais eram divididas em três tipos, denominados de “arcos”, “presilhas” e “verticilos” publicado na revista, Nature em 1892. Entre vários sistemas, foi criado o sistema de classificação proposto pelo antropólogo Argentino Juan Vucetich (Kehdy, 1968, p.14).

Segundo Gomes (1969, p.75), o primeiro fato foi datado do ano de 1892, e é devido a VUCETICH⁴, deu início ao caso de Francisca Roja que mata dois filhos e acusa como autor do crime seu vizinho. A polícia encontra na porta da casa a marca de vários dedos molhados de sangue. As impressões encontradas coincidiram com as de Francisca a verdadeira culpada.

No Brasil a datiloscopia teve início em São Paulo, onde foi instituída a identificação dactiloscópica pelo sistema de Vucetich, nos termos de Decreto de número 1533-A de 30 de novembro. Ainda segundo Figini (2012, p.19), o decreto lei 4.764, cria o Gabinete de Identificação de Estatística, com função primordial de realizar a identificação criminal, e que posteriormente, deu início a tomada de impressões digitais de cadáveres, e que em 1920 entra em vigor o uso das impressões digitais na identificação civil, na qual cumpria fornecer prova de identificação na carteira de identidade, posteriormente o Decreto lei 5.452, de primeiro de maio de 1943, que obriga as impressões nas carteiras profissionais.

Nos arquivos criminais os documentos são diferenciados dos demais arquivos, como já citado, estas instituições caracterizam-se por arquivar fichas de impressões datiloscópicas, devido à característica do documento e o modo de classificação, este tipo de arquivo pode ser definido como sendo especial. Segundo Paes (2004, p.147):

Arquivos especiais são aqueles que têm sob sua guarda documentos em diferentes tipos de suportes e que, por esta razão, merecem tratamento especial não apenas no que se refere ao seu armazenamento, como também ao registro, acondicionamento, controle e conservação.

⁴ Juan Vucetich - foi antropólogo, policial e inventor nascido na Croácia. Vucetich desenvolveu e pôs pela primeira vez em prática um sistema eficaz de identificação de pessoas mediante suas impressões digitais

O arquivo armazena os laudos datiloscópicos de toda uma comunidade, a memória coletiva é registrada pelos desenhos papilares que ficam representados em uma ficha, e é de suma importância para identificação dos corpos, pois serão usados para posterior confronto dactiloscópico com um documento do não identificado, poderia falar de uma memória individual encontrada em documento pessoal que possua impressão digital. Face ao exposto, objetiva-se com esta pesquisa discutir a datiloscopia como elemento na investigação evidenciando ainda técnicas de classificação e arquivamento de impressões, adotadas por alguns arquivos criminais, especialmente o arquivo Criminal do Núcleo de Identificação Civil e Criminal de João Pessoa.

2.2 Sistemas de Classificação de Fichas Datiloscópicas

O novo profissional arquivista em unidades de informação como os arquivos criminais, deve se adequar aos métodos empregados na classificação da sua tipologia documental, buscando sempre as inquietações dos usuários de modo a inserir mecanismos que possam estudar as necessidades destes e da sociedade, elaborando novas estratégias destinadas a recuperação da informação, prestando serviço com rapidez e cada vez mais qualificado.

De acordo com Pombo(1988,p.12) para o classificacionista, o que está em causa na apreciação do valor de uma classificação é a sua utilidade prática, a rapidez, exatidão e facilidade da sua utilização.

A arquivologia busca interação com outras ciências, no caso a datiloscopia, e as técnicas de arquivamento usadas pelos profissionais especializados, como os “papiloscopistas arquivistas”, este profissional é um policial especializado em trabalhar com a identificação humana, usualmente através das papilas dérmicas dos dedos da mão ou dos pés. Porém, ainda é carente a preparação ou não existem cursos de arquivologia destinados a preparação de tais profissionais, uma vez que nos arquivos criminais esta atividade fica restrita aos próprios papiloscopistas, como já exposto.

O arquivo escolhido para pesquisa foi o arquivo Criminal do Núcleo de Identificação Civil e Criminal de João Pessoa, hierarquicamente subordinado ao

Instituto de Polícia Científica, e este por sua vez a Secretaria de Estado e Defesa Social, a pesquisa foi realizada no período de maio a setembro de 2016.

Além do surgimento investigativo da datiloscopia, o artigo ainda mostra técnicas de arquivamento de impressões adotadas por alguns arquivos criminais, especialmente o estudado, deixa-se claro que para o estudo da arquivologia apenas o estudo da classificação e da representação de cada tipo de impressão, ou seja, resumidamente como ocorre o sistema de classificação de fichas datiloscópicas nos empregados no arquivo criminal, e ao mesmo tempo a noção de arquivamento de ficha dactiloscópica para o aprimoramento dos novos arquivistas, esperando que no futuro bem próximo, uma nova disciplina nos cursos de arquivologia possa especializar estes profissionais para atuarem nas áreas de Criminalística e Medicina Legal.

Como já foi citado o sistema de classificação que vamos estudar é o mais adotado nos arquivos criminais, o chamado de VUCETICH, os princípios básicos.

A base do método de Vucetich 'o delta⁵, caracteriza-se com linhas dispostas em ângulos mais ou menos obtusos⁶ e envolvendo o núcleo central da impressão dos desenhos digitais. Segundo GOMES (1969, p.78), o antropólogo argentino divide os desenhos digitais em 4 (quatro) tipos fundamentais: arco, presilha interna, presilha interna e verticilo, que se caracteriza pela ausência de delta, pela presença de delta à direita do observador, pela presença de delta à esquerda do observador e pela presença dos dois respectivamente. De início o Quadro 1 abaixo, mostra a fórmula datiloscópica.

Segundo França (2015, p. 91) o delta é formado por dois ou três sistemas lineares, o nuclear, o basilar e o marginal e na união deles o delta. O sistema nuclear é representado por linhas colocadas entre as basilares e marginais, já o sistema marginal é formado por linhas superiores que sobrepõem ao núcleo, e por

⁵ Segundo o dicionário de língua portuguesa, delta é nome da quarta letra do alfabeto grego δ , Δ , que corresponde ao *d*, *D* latino ou sinal triangular ou estrelado, encontrável na pele humana das mãos e dos pés, usado para identificação pela *datiloscopia*.

⁶ Segundo o dicionário de língua portuguesa, **obtusos** é um ângulo cuja medida está entre 90° e 180°, e é um termo da área matemática. **Obtuso** também é utilizado em um sentido pejorativo, como uma pessoa ignorante e insensível. Na área da matemática, especificamente em geometria, **obtusos** quando um ângulo é maior que o ângulo reto, que mede entre 90° e 180°.

final o sistema basilar é composto por linhas que ficam abaixo do núcleo. Neste caso o arquivista tem como base o delta para classificação.

Quadro 1: Modo de escrever a fórmula dactiloscópica

ARCO-	A ou 1
PRESILHA INTERNA	I ou 2
PRESILHA EXTERNA	E ou 3
VERTICILO	V ou 4

Fonte: GOMES, 1969

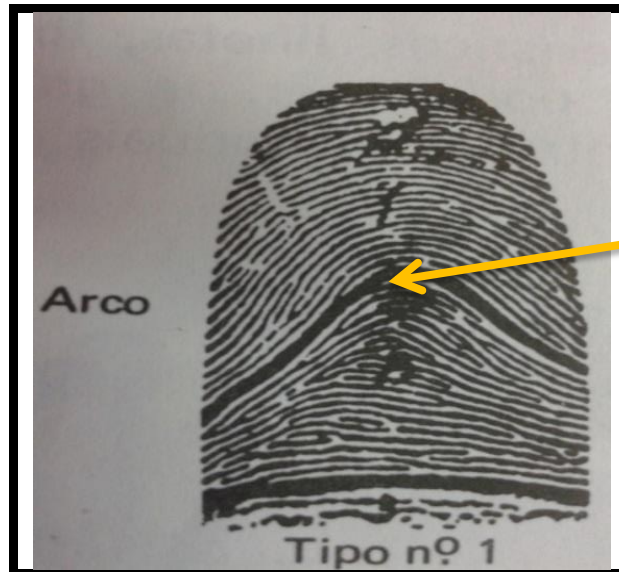
O arquivista que atua nesse tipo específico de arquivo deverá, por consequência, (re)conhecer que as anotações literais são empregadas para os polegares e as numéricas para os demais dedos. Assim um verticilo no polegar escreve-se V; e nos demais dedos (4), quando não existe dedo, marca-se 0 (zero) e quando a impressão se encontra de tal maneira deformada por cicatrizes ou outro motivo que seja impossível reduzi-la a um dos sistemas, escreve-se (X). Tais representações são apresentadas os quatro tipos fundamentais de impressões adotadas pelo sistema de classificação Vucetich. O sistema datiloscópico adotado por Juan é decadáctilar, isto é; cada indivíduo é identificado pelo conjunto de impressões aos dez dedos, em um formulário ou ficha datiloscópica. Segundo Rabelo(1996, p.74) Galton foi quem estabeleceu os tipos quatro fundamentais ,porém Juan constata a presença do acidente morfológico que ele denominou de delta para especificar a classificação ,acordo com a presença ou ausência do ficou dividida em arco, presilha interna, externa e verticilo com foi supracitado

2.2.1 Representação em Arco

Características

- Ausência de delta
- As linhas atravessam o campo da impressão de um lado ao outro, assumindo forma mais ou menos abaulada.

Figura: Imagem do tipo de impressão arco



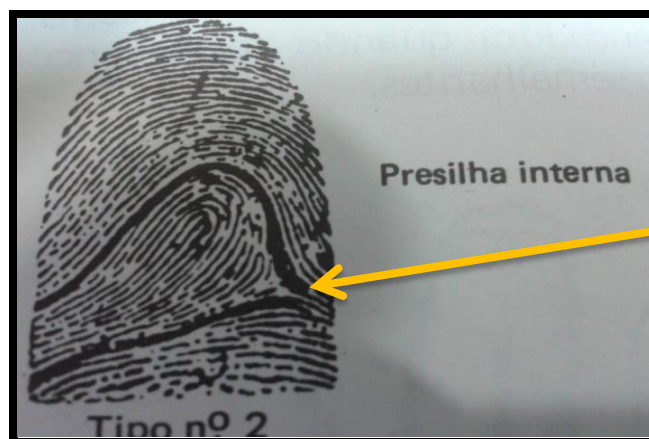
Fonte: GOMES, 1969

2.2.2 Representação Presilha Interna

Características

- Um delta a direita do observador
- As linhas nucleares ocorrem para esquerda do observador

Figura 2- Imagem do tipo de impressão presilha interna



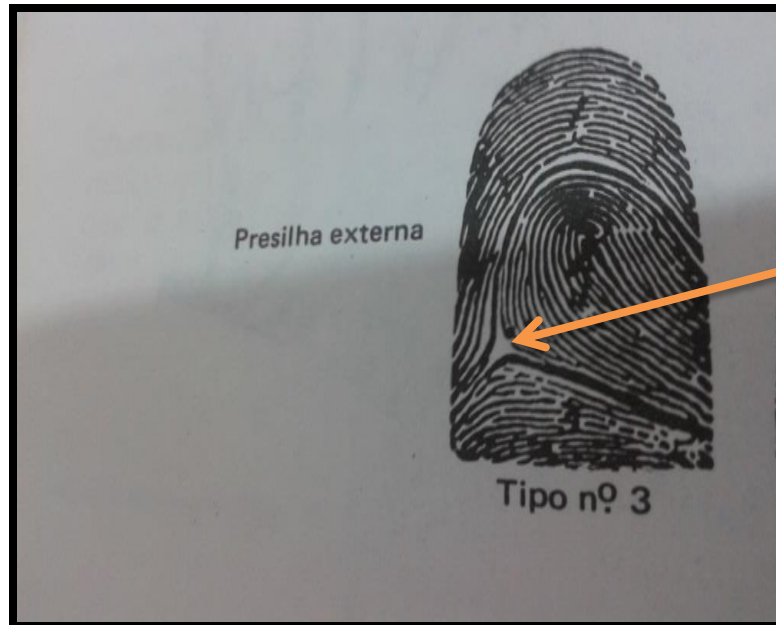
Fonte: GOMES, 1969

2.2.3 Representação Presilha externa

Características

- Um delta a esquerda do observador
- As linhas nucleares ocorrem para direita do observador

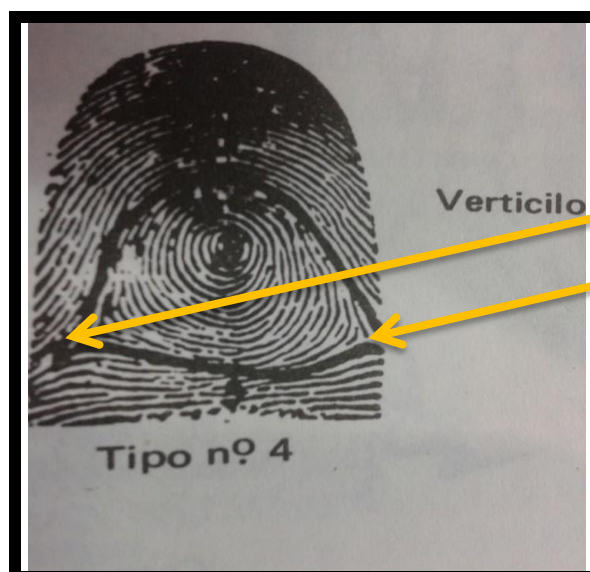
Figura 3: Imagem do tipo de impressão presilha externa



Fonte: GOMES, 1969

2.2.4 Representação Verticilo

Figura 4: Imagem do tipo de impressão verticilo



Fonte: GOMES, 1969

Características

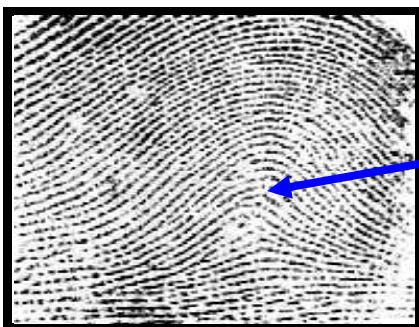
- Dois deltas a esquerda e outro à direita do observador
- As linhas nucleares ficam encerradas entre os dois deltas, assumindo configurações variadas.

Não é da competência do arquivista, saber detalhes das impressões, porém são necessárias informações a respeito dos subtipos e dos pontos característicos de cada impressão, pois são acidentes que se encontram nas cristas papilares, para identificação de impressões digitais, é necessário que haja coincidência de doze pontos característicos no mínimo, idênticos e com a mesma localização. As figuras 5 a 17 mostram a representação dos subtipos da classificação de Vucetich.

Os subtipos estão baseados na disposição das linhas nucleares de cada tipo:

Figura 5: Arco Plano

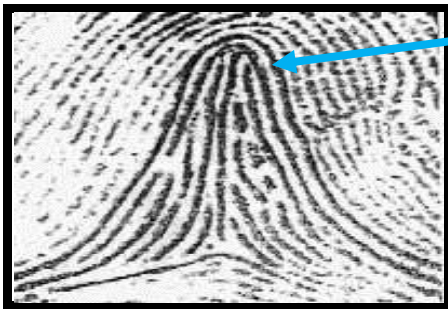
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, linhas atravessam o campo da impressão digital, com configuração mais ou menos abalada, confundindo-se com as linhas marginais e basilares



Fonte :Rabelo. 1996

Figura 6: Arco Angular

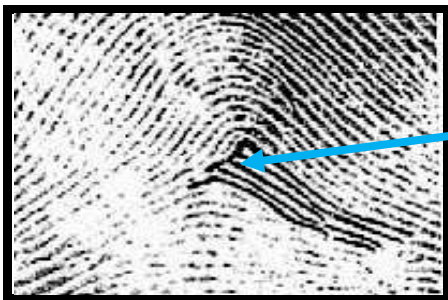
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, linhas se elevam mais ou menos na parte central da impressão, mostrando a forma de um ângulo agudo ou forma de uma tenda.



Fonte: GOMES, 1969

Figura 7: Arco Bifurcado à Direita

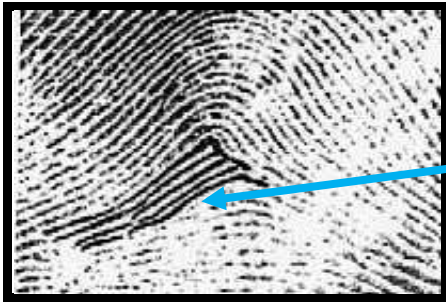
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, algumas linhas se desviam à direita, afastando-se da configuração geral daquelas que formam o arco plano, formando uma espécie de "pente ou garfo" apontado para o lado direito do observador



Fonte: GOMES, 1969

Figura 8: Arco Bifurcado à esquerda

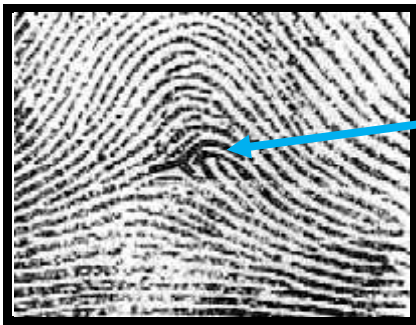
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, algumas linhas se desviam à esquerda, afastando-se da configuração geral daquelas que formam o arco plano, apresentando um formato de "pente ou garfo" apontado para a esquerda do observador



Fonte: GOMES, 1969

Figura 9: Arco Destro Apresilhado

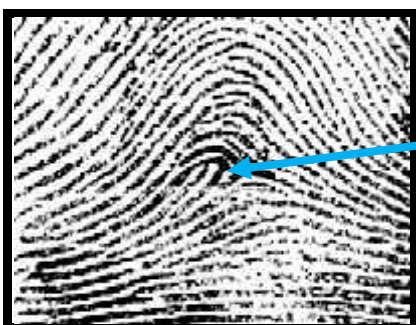
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, a característica é uma única laçada que ocorre a direita do observador, apresentando certa semelhança com a presilha externa, mostrando um delta a esquerda do observador, não existindo porém nenhuma linha entreposta entre este delta e a laçada.



Fonte: GOMES, 1969

Figura 10: Arco Sinistro Apresilhado

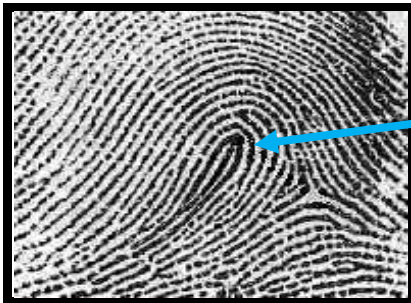
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo,, a característica é uma única laçada que ocorre a esquerda do observador,mostrando certa semelhança com a presilha interna, apresentando um delta a direita do observador, onde não existe nenhuma linha entreposta entre este delta e a laçada.



Fonte: GOMES, 1969

Figura 11: Presilha Interna normal

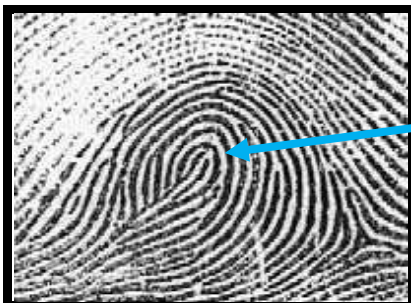
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, apresenta um delta a direita do observador, e suas linhas nucleares formam laçadas que nascem na extremidade esquerda retornando ao lado de origem sendo estas mais ou menos regulares em todo da sua trajetória.



Fonte: GOMES, 1969

Figura 12: Presilha Interna invalida

Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, apresenta um delta a direita do observador, com suas linhas nucleares que formam laçadas que nascem na extremidade esquerda formando o ápice das laçadas, e ao retornarem para o lado de origem desviam de sua trajetória.



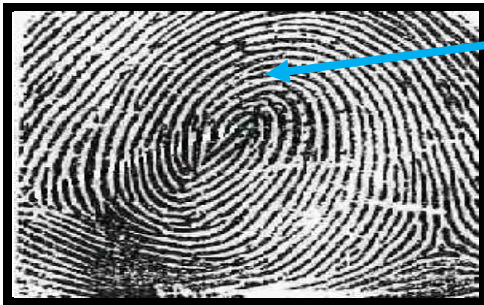
Fonte: GOMES, 1969

Segundo a classificação de Vucetich, os subtipos da presilha externa são os mesmos, com o delta encontra-se a esquerda do observador.

- Presilha externa normal
- Presilha externa invadida

Figura 13: Verticilo Duvidoso

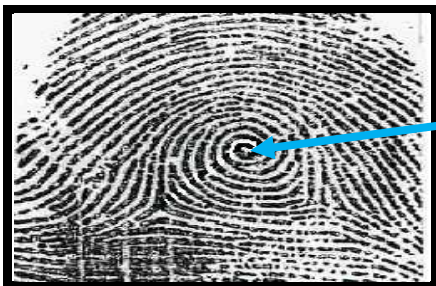
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, além de possuir um delta a esquerda e possuir outro a direita do observador apresenta um núcleo que não pode ser definido como os demais, caracterizando para contagem de linha o ponto mais central dentro do núcleo.



Fonte: GOMES, 1969

Figura 14: Verticilo Espiral

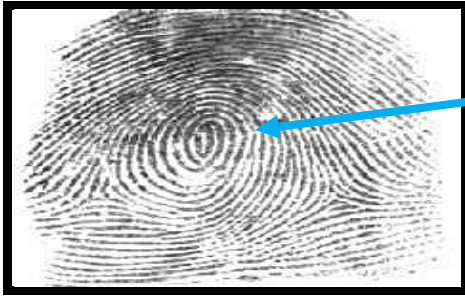
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, além de possuir um delta a esquerda e outro a direita do observador apresenta no centro do núcleo uma única linha espiral, que vai do centro para a periferia.



Fonte: GOMES, 1969

Figura 15: Verticilo ovoidal

Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, de possuir um delta a esquerda e outro a direita do observador apresenta no centro do núcleo uma ou mais linhas ovais fechadas, ou por uma linha que se desenvolve do centro para a periferia descrevendo uma curvatura oval que por sua também fechada.



Fonte: GOMES, 1969

Figura 16: Verticilo Sinuoso

Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo,, além de possuir um delta a esquerda e outro a direita do observador apresenta no centro da impressão um núcleo duplo com prolongamento das linhas entre si, caracterizando uma forma de "S" , "N" ou até mesmo "Z".



Fonte: GOMES, 1969

Fonte: GOMES, 1969

Figura 17: Verticilo Circular

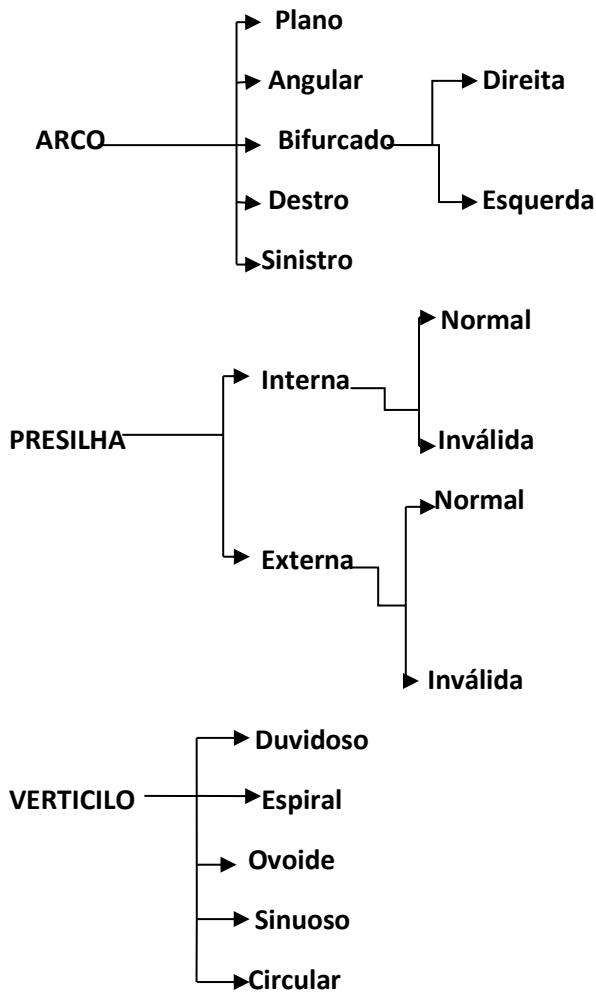
Segundo a classificação de Vucetich o subtipo ilustrado abaixo, além de possuir um delta a esquerda e outro a direita do observador apresenta no centro do núcleo um ou mais círculos que estão totalmente fechados.



Fonte: GOMES, 1969

A figura abaixo mostra os subtipos da classificação Vucetich de acordo com as ilustrações acima.

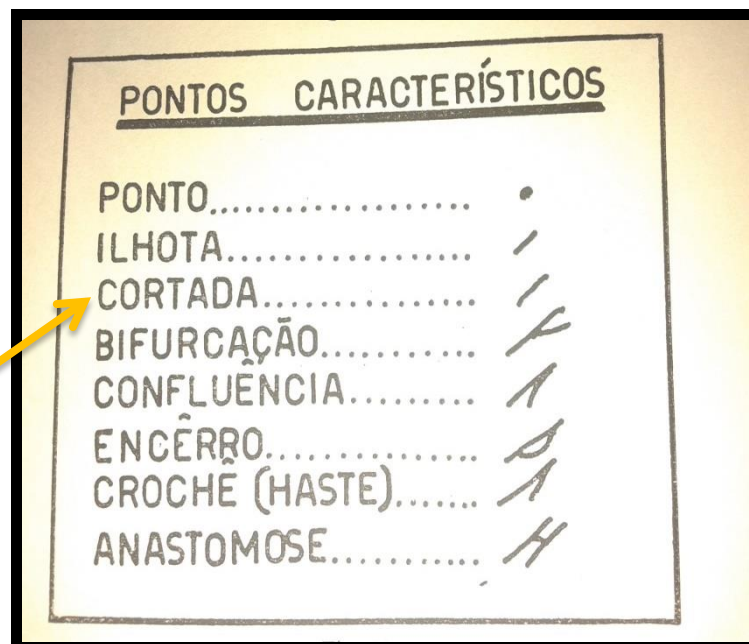
Figura 18 :Subtipos



Fonte: GOMES, 1969

A figura 19 abaixo mostra os pontos característicos, fonte de informação necessária contida em cada impressão. São eles: ponto, ilhota, cortada, bifurcação, confluência, encerro, crochê, anastomose.

Figura 19: Pontos característicos das impressões digitais.



Fonte: KEHDY, 1968.

Neste sentido as informações representadas pelas impressões digitais podem se apresentar de várias formas nos diversos tipos de suportes. "A informação pode se apresentar de várias formas e naturezas, desde as mais técnicas, passando pelas formais, até as mais interpretativas", (AZEVEDO NETTO, 2008).

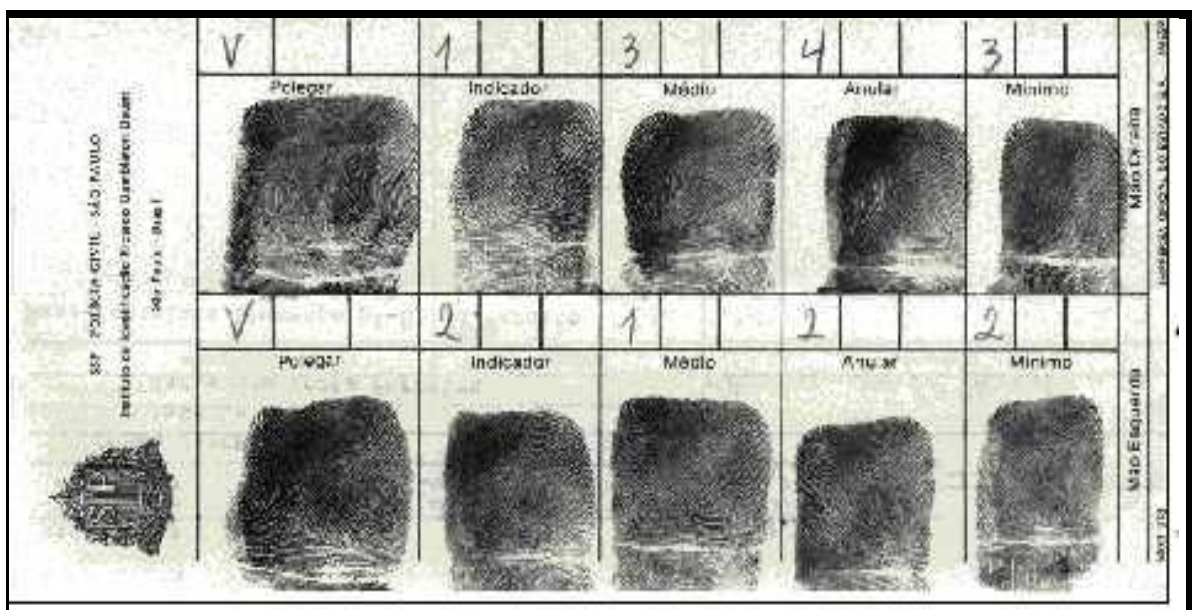
Como ocorre no arquivo estudado, arquivista deve classificar pelo sistema monodátilar e decadátilar. Segundo Kehdy (1968, p.55) "para o arquivista proceder a classificação, é necessário que as fichas estejam arquivadas na ordem da fórmula datiloscópica". A primeira fórmula de um arquivo dactiloscópico decadátilar pode ser feito por dois processos: o primeiro horizontal, por meios de escaninhos; e o segundo o vertical, por meios de mesas especiais.

Esse procedimento torna a busca, ou seja, a pesquisa pelo arquivista mais fácil e precisa. No arquivo do Núcleo de Identificação Civil e Criminal, as fichas são arquivadas pela ordem numérica, ou seja, o número de registro, o RG, que o identificado ou não recebe o número do prontuário, que posteriormente será arquivado segundo a ordem, antes registrado em livros, desde o ano de 1922, existe este registro, porém, a partir de 1996 o serviço passou a ser digital, facilitando assim, as buscas no sistema.

Segundo Gomes (1969, p.79), “o sistema de arquivamento em arquivos criminais de uma ficha datiloscópica tem um procedimento especial para o arquivamento”. No sistema de Vucetich, o arquivamento é do tipo decadatilar, ou seja, são utilizadas as impressões dos dez dedos das mãos do indivíduo para a classificação e arquivamento.

As impressões são coletadas e dispostas em uma ficha específica que contém em um dos lados dez campos na sequência: polegar, indicador, médio anular e mínimo. Sendo os cinco dedos da mão direita ou séries em cima e os cinco da mão esquerda ou secção em baixo, tendo para cada um dos dedos três campos na parte superior onde é registrado o tipo fundamental, o subtipo e a contagem das linhas de cada dedo respectivamente (Figura 20).

Figura 20: Ficha datiloscópica



Fonte: GOMES, 1969

No verso da ficha datiloscópica (suporte), e colocado o nome, filiação, data de nascimento, etc, e a sequencia dos dedos, unidos em única impressão, bem como a impressão de cada um dos dedos polegares, nos locais determinados, é tipo de procedimento usado pelo arquivista, e serve para conferir a sequencia das impressões dos dedos, coletados no anverso da ficha.

A fórmula datiloscópica na figura acima está disposta sob a forma de fração ordinária em que o numerador representa os dedos da mão direita e o denominador os dedos da mão esquerda, já citado, porém aqui o arquivista representa como:

V- 1343 → mão direita

V -2122 → mão esquerda

Interpretando a fórmula acima temos:

Numerador- **V- 1343**

- Polegar direito-----verticilo
- Indicador direito-----arco
- Médio direito-----presilha externa
- Anular direito-----verticilo
- Mínimo direito-----presilha externa

Denominador- **V-2122**

-
- Polegar esquerdo-----verticilo
 - Indicador esquerdo---presilha interna
 - Médio esquerdo-----arco
 - Anular esquerdo-----presilha interna ←
 - Mínimo esquerdo-----presilha interna ←

GOMES (1969, p.78-80) com este sistema de arquivamento, formamos quatro grupos com os polegares direito, contendo quatro subgrupos de polegares esquerdos em cada grupo e 65.536 combinações numéricas formadas pelos demais dedos para cada subgrupo, perfazendo um total de 1.048.576 combinações possíveis.

2.3 Arquivamento Dactiloscópico Monodatilar

O procedimento do arquivamento monodatilar tem a finalidade de permitir o arquivamento das impressões digitais, dedo por dedo, contrariamente ao que se faz nos arquivos decadatilar, onde são arquivadas as “individuais datiloscópicas”, estas contêm as impressões dos dez dedos da pessoa, a sua finalidade é o recolhimento das impressões digitais dos autores de crimes de furto, furto qualificado e, eventualmente, roubo. Não entraremos em detalhes uma vez que são feitos a orientação de cada instituição. Segundo Figini (2012, p. 63-64), o arquivo monodatilar foi criado com a finalidade de facilitar a busca de um suspeito, uma vez que dificilmente é encontrado em locais de crime os dez dedos que perfazem a ficha criminal datiloscópica decadatilar.

2.4 Arquivamento Dactiloscópico decadátilar

De início quando se processa a identificação de uma pessoa, para qualquer fim, tomam-se as suas impressões digitais na ficha datiloscópica, no verso escreve-se o nome e o número de Registro Geral da pessoa identificada, além disto, ainda no verso, há um claro destinado à assinatura do identificado, logo após o preenchimento, esta ficha recebe a denominação de individual datiloscópica, sendo remetida ao arquivo datiloscópico decadatilar com os demais documentos do referente ao identificado, assim, passa a ser chamado de prontuário onde vai para mesma fórmula já exemplificada acima, e que o procedimento consiste em facilitar a busca da ficha.

Segundo Figini (2012, p.63-64), o arquivo decimal encabece a fórmula dactiloscópica por meio dos algarismos 1,2,3 e 4, para arco, presilha interna, presilha externa e verticilo, respectivamente. Assim por exemplo o procedimento é organizado de maneira em que a primeira fórmula é A- 1111 e a última V-4444. Já citado, a fórmula datiloscópica tem a finalidade de facilitar o arquivamento e o acesso as fichas.

2.5 Produção do Laudo Datiloscópico

O laudo datiloscópico é um documento produzido pelo perito papiloscopista ou perito criminal, relacionado aos vestígios de impressões digitais coletadas no local de crime ou sala de necropsia em que os desenhos papilares ficam representados em uma ficha, que fica arquivada junto com o laudo cadavérico, impressa a mesma, no caso das fichas, os desenhos digitais que são suma importância para o reconhecimento dos corpos não identificados, pois serão usados para posterior confronto dactiloscópico, caso haja um documento do não identificado que possa ser usado para confronto, nesta ficha (datilograma) não existem quesitos oficiais.

Segundo Figini (2012, p.79) ,uma vez realizada a revelação de impressões papilares, passa-se a etapa do confronto, a qual consiste na comparação das impressões reveladas, digital, palmar ou plantar, com os padrões porventura existentes, para ele, o confronto, á a análise e duas ou mais impressões digitais, uma que foi classificada e arquivada, e a outra encontrada em documentos do suposto indivíduo, com a finalidade de estabelecer se foram produzidas por um mesmo dedo ou não, no caso de reconhecimento, uma peça padrão pode ser considerado como memória individual.

2.5.1 Estrutura do Laudo Datiloscópico

- Termos equivalentes: laudo impressão digital.
- Suporte: papel/digital.

- Classificação VUCETICH ou 03.01.01.02016.0000
 - Estrutura do laudo- o laudo de exame datiloscópico oriundo do Núcleo de Identificação Civil e Criminal fica anexo ao (laudo de tanatologia⁷), trata-se de um documento produzido pelo papiloscopista para identificação civil e criminal.
 - Elementos diplomáticos do laudo- Brasão da instituição, data do exame, número do registro, assinatura do perito e as impressões digitais.
 - Documentos em anexos (quando houver): Ofício da autoridade policial ou documentos com RG. Em caso de confronto o ofício do perito médico solicitante.
 - Prazo de guarda- permanente.
 - Metodologia de arquivamento- Sistema monodatilar ou decadatilar e eletrônico.
 - Quesitos oficiais.
- 1-Não existe.

2.6 Gerenciamento Eletrônico para o Arquivamento das Impressões Digitais

A abordagem agora é sobre noções básicas sobre a classificação documental eletrônica das impressões digitais, com o advento das tecnologias eletrônicas, a datiloscopia como uma disciplina da Ciência Criminalística, passou por um processo evolutivo, ou seja, a inclusão era digital, deu início nos anos 60 a criação de sistemas que possibilita o trabalho de arquivamento automático denominado na atualidade de eletrônico.

A nova era surgiu nos EUA, com a digitalização de cerca de 15 milhões de fichas datiloscópica por técnicos do FBI, não entrando em detalhes, sobre o histórico. Segundo Figini (2012, p.118) o sistema automático de identificação e de classificação documental trabalha com a peça padrão que é obtida a partir do

⁷ **Tanatologia** é o estudo científico da morte. Ele investiga os mecanismos e aspectos forenses da morte

registro de um indivíduo no sistema biométrico, podendo ocorrer pela coleta direta das impressões digitais de indivíduos feitas por instrumentos ópticos de pessoas condenadas, e também pela base de dados da identificação civil, em que as impressões ficam na ficha decadatilar para que sua pessoa jurídica seja formada e receba uma carteira de identidade. Segundo Pombo(1988,p.13) a classificação documental e biblioteconômica é hoje um conjunto de catálogos informatizados e interligados em rede com base numa linguagem documental artificial, é uma estrutura imaterial que conta com um sistema gigantesco de centros de documentação de carácter nacional e enciclopédico ,internacional e especializado, e que esta mutação, resultante da introdução das novas tecnologias no campo de trabalho da documentação, vem como que sublinhar ainda mais o carácter pragmático da classificação documental: a transferência para o computador das tarefas de conservação, inventariação e catalogação, gestão , recepção e emissão de documentos. Em todo caso os sistemas operacionais AFIS (Automated Fingerprint Identification Systems) crido tem a proposta de facilitar o acesso a banco de dados de pessoas envolvidas em crime, e estes dados estão armazenado nos arquivos criminais. No Brasil em especial na Paraíba o sistema de armazenamento é o (PRINTAK- Estados Unidos).

Atualmente os sistemas de armazenamento em arquivos são auxiliados pela SENASP (Secretaria Nacional de Segurança Pública), buscam aprimorar os dados nos arquivos criminais. Os governantes buscam uma integração entre os arquivos com as informações criminais da cada unidade policial ou judicial.

2.7 Ficha Datiloscópica como Suporte de Representação da Informação em Arquivos Criminais

A ficha datiloscópica é um suporte que têm a capacidade de reunir e disponibilizar informações das impressões digitais coletadas no local do crime para serem usados como memória individual e coletiva de pessoas vivas, corpos identificados e, principalmente os não identificados, cujas impressões são arquivadas nos arquivos de Medicina Legal e Criminais. Daí o valor e a importância do artigo que mostra o uso destes suportes de arquivos criminais como memória e patrimônio antropológico e datiloscópico.

Assim, a pesquisa pretende contribuir para a análise de documentos não convencionais como as fichas de impressões digitais que são representações das memórias de pessoas civilmente e criminalmente identificadas. O suporte que representa essa memória depois de classificado fica armazenado no arquivo criminal que constantemente são procuradas por familiares em busca de qualquer informação que possa localizar pessoas desaparecidas por meio do confronto de impressões digitais.

Sob essa ótica, os documentos que compõe os arquivos criminais estão relacionados a uma ação quase sempre jurídica e social. Assim não podemos deixar de considerar como esses documentos das vítimas examinadas, podem de alguma maneira contribuir para a memória individual e social, sobretudo quando se configuram em seu aspecto informacional que, se recuperadas, tornam-se capazes de solucionar problemas de ordem social, familiar e jurídico. Logo a importância das impressões como uma espécie de memória, uma vez que o desconhecido tornar-se-á conhecido por meio do processo de representação, classificação e organização datiloscópico exposto ao longo do artigo.

Segundo Monteiro (2013, p. 315), “a memória coletiva é constituída a partir das recordações de acontecimentos ou ações que se deram no passado refletido e ligado a nosso presente, configurando-se então pelo esquecimento e pela lembrança.” Dessa forma, o arquivo pode ser utilizado como lugar dispositivo de memória, com vistas a valorizar e preservar a memória de grupos ou indivíduos, por meio do resgate de fundos específicos, estabelecendo a relação entre contextualização histórica e a custódia dos documentos.

Todas as fichas arquivadas no criminal têm guarda permanente, e isso significa dizer que parte da memória individual ou coletiva está representada em neste suporte de memória, podemos ir mais além, que a classificação é uma técnica necessária e relevante, pois quando se trata de corpos não identificados, a memória registrada e representada pelas impressões digitais de cada indivíduo em sua totalidade fica arquivada também em arquivos de Medicina Legal.

A representação por consequência no laudo datiloscópico é registrada pelos desenhos papilares, que ficam representados em uma ficha, sendo de suma importância para identificação dos corpos, pois serão usados para posterior confronto dactiloscópico com um documento do não identificado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arquivamento monodátilar e decadáctilar, configura-se como uma técnica de classificação aplicada a fichas datiloscópicas, para este artigo a temática teve a finalidade de aprimorar o conhecimento dos profissionais da informação sobre esta área específica do saber arquivístico. A técnica é rotineiramente empregada no Núcleo de Identificação Civil e Criminal de João Pessoa e relevante para sistemas de classificação criminal.

O sistema Datiloscópico de Juan Vucetich evidenciado ao longo do artigo mostra que a classificação de documentos em arquivos, no caso os públicos, já que tal procedimento fica reservado as Instituições Criminais, vem refletir sobre a organização deste tipo especial de arquivo, este sistema de classificação como foi explicado, busca diferenciar os tipos de impressões digitais. A classificação de Juan Vucetich adotada evidencia a importância da função social e jurídica do arquivo pesquisado, uma vez que, a organização dos documentos leva em conta as necessidades dessa unidade administrativa. Os arquivistas, portanto devem ficar atentos a renovação constante dos conhecimentos, métodos de armazenamento, classificação e acesso a informação. A busca por novos sistemas de classificação diferenciados propicia o intercâmbio com outras áreas do conhecimento, como a classificação do acervo de arquivos de Identificação Criminal, visando sempre estabelecer métodos de facilitar a identificação criminal e civil, por meio da representação da impressão contida no laudo ou ficha que se encontra classificada, para futuros confrontos datiloscópicos.

O agrupamento dos documentos seguindo o código de classificação baseado nos quatro tipos de impressão torna a atividade do arquivista mais especializada, já que a classificação visa atender as necessidades da sua instituição proporcionando uma base sólida para busca e localização da ficha datiloscópica em tempo hábil. Segundo Schellenberg (2004, p.95), “o objetivo da classificação é facilitar a localização dos documentos quando se fizerem necessários.” Ao mesmo tempo é necessário lembrar sobre a preservação de tais documentos arquivísticos garantindo-lhes a longevidade, funcionalidade e acessibilidade em arquivos sejam

eles correntes, intermediários e permanentes. O caminho é difícil, pois não existe arquivista especializado na área para a execução dos procedimentos supracitados, os poucos profissionais que conhecem estes sistemas de classificação adotados em arquivos criminais, não são arquivistas graduados, bem como capacitados para atuação neste tipo de arquivo, agora vale lembrar que o profissional arquivista deve sempre buscar meios para aprimorar seu conhecimento. Esse é um novo cenário, pois ao discorrer sobre o tema concluo o artigo mostrando a importância da classificação adotada no arquivo do Núcleo de Identificação e Criminal estudado, e que a atuação do arquivista na criação de novos dispositivos como o apresentado no trabalho, mostra a evolução dos instrumentos de classificação e de representação, permitindo as instituições arquivísticas uma interação entre profissionais da informação e os usuários na troca de informações que possibilite a identificação por meios das impressões digitais do civilmente e criminalmente identificado ou ignorado das fichas datiloscópicas classificadas e arquivadas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6.023**: Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. **NBR 10.520**: informação e documentação: citações em documentos - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. **NBR 6.028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

_____. **NBR 6.034**: informação e documentação: índice: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

_____. **NBR 14.724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

_____. **NBR 6.027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

ARAÚJO, C. A. A. Fundamentos teóricos da classificação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibl. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 22, 2. sem. 2006. p. 117-140. Disponível em :< <https://periodico.ufsc.br/index/eb/article/1218-924.2006v11n22p117>>acesso em:15 out. 2016.

AZEVEDO NETTO, C. X. **Preservação do patrimônio arqueológico-reflexões através do registro e transferência da informação.** Ciência da informação. Brasília v,37, n.3, p.7-17 set/dez. 2008.

BRASIL. Lei 4.764, de 5 de fevereiro de 1903. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www.camardosdeputados.org.br.htm>>acesso em: 20 set.2016.

BRASIL. Lei 5.922, de 25 de outubro de 1943. Câmara dos Deputados. Disponível em:<. <http://www.camara.gov.br/legin/fed/decret/1940-1949>. >. Acesso em: 20 set.2016.

COSTA, A. F. **Classificações sociais.** Leitura. Lisboa, v. 3, n. 2, p. 65-75, out. 1997/abr. 1998.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da informação.** Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, jul./dez. 1978.

DURANTI, L. **Ciência archivística.** Córdoba: [s.n.], 1995.

FIGINI, A. R. **Datilosopia e Revelação de Impressões Digitais.** São Paulo. Campinas Millennium Editora, 2012.

FRANÇA, G. V. **Medicina Legal.** 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2015

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, H. **Medicina Legal.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1969.

INSTITUTO DE POLÍCIA CIENTÍFICA-POLÍCIA CIVIL. PB- IPC.**Gerência operacional de identificação civil e criminal.** Disponível em: <www.policiacivil.pb.gov.br/ipc/>. Acesso em: 5 out .2016

KEHDY, C. **Elementos de Criminalística.** São Paulo: Editora Sugestões Literárias, 1968.

LANGRIDGE, D. **Classificação:** abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

MEIRA, Cleonice Nicolau; et al. **Curso: Gestão de documentos e gerenciamento de arquivos.** Universidade Federal da Paraíba. Superintendência de Recursos Humanos. Coordenação de Recursos Humanos. Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento, 2008.

PAES, M. L. **Arquivo: teoria e prática.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PIEIDADE, M. A. **Introdução à teoria da classificação.** Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

POMBO, Olga. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes.** Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, n. 2, primavera 1988.

RABELO, Eraldo. **Curso de criminalística: sugestão de programa para as faculdades de direito**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento de documentos eletrônicos**. 4ª. ed. Rio de Janeiro, RJ :FGV, 2005.

SILVA, A. M. *et al.* **Arquivística**. Teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1999.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**/ Tradução de Nilza Teixeira. 6ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SOUSA, R. T. B. Classificação de documentos arquivísticos: trajetória de um conceito. **Arquivística. net**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p 120-142 , ago./dez. 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/948/2/ARTIGOClassificacaoDocumentoArquivistico.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2016

_____ **A informação orgânica arquivística**. 2009. Disponível em: <<https://arquivoememoria.files.wordpress.com/2009/04/informacaoorganicaarquivistica1.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

CRIMINAL ARCHIVE AND THE VUCETICH CLASSIFICATION SYSTEM DIGITAL PRINTING REPRESENTATION AND IDENTIFICATION

ABSTRACT

This article hangs some aspects of the classification theory, prioritizing the Vucetich classification system, which bases the classification process of the fingerprint record whose function is to gather, store and make available information about fingerprint traces collected at the crime scene or identification, or To the act of recognition of an individual. Initially, we sought to discuss the philosophical principles of classification and then to analyze the use and application adopted by the Juan Vucetich system, a dytosopic method that is based on the representation of the disposition of the dermal papillae and the elements that make up this classification system, whose application and Sorting allows a quick query comparing the standard part filed in the context of criminal files with a fragment extracted from crime scene.

Keywords: Classification. Special. Dactiloscópico. Documentos. Identification

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586a Silva, Uthant Saturnino.

Arquivo criminal e o Sistema de Classificação Vucetich:
representação e identificação por impressão digital / Uthant
Saturnino Silva. – João Pessoa, 2016.

31f.: il.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Bernardina Maria Juvenal Freire de
Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) –

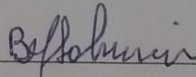
UTHANT SATURNINO SILVA

**ARQUIVO CRIMINAL E O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO VUCETICH:
REPRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO POR IMPRESSÃO DIGITAL**

Artigo apresentado ao curso de graduação em Arquivologia,
do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel.

Aprovado em: 30/11/2016

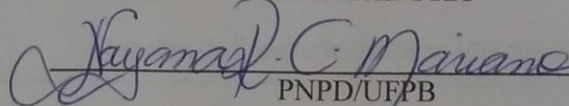
BANCA EXAMINADORA



DCI/UFPB

Dr^a BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA

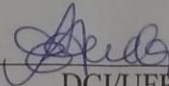
ORIENTADORA



PNPD/UFPB

Dr^a Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano

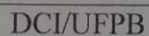
COORDINADORA



DCI/UFPB

Ms^a ANA CLAUDIA CRUZ CÓRDULA

EXAMINADORA



DCI/UFPB

Dr^a MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE

EXAMINADORA